
“Gaiola bonita não cria passarinho”

06/02/2011 - Folha de Pernambuco (PE)

Opinião: Escola ineficiente

Pedro Nunes Filho*

Lucas tem oito anos. Criança saudável, bem alimentada, mora em casa confortável, localizada em espaço rural aprazível, cercada de estímulos naturais que ajudam seu desenvolvimento físico e mental, além de facilitar a compreensão dos fenômenos da natureza. O pai é caseiro e a mãe, do lar. Vivem presentes ao ambiente familiar dia e noite e Lucas não parece ter qualquer tipo de carência afetiva que comprometa seu desenvolvimento cognitivo.

Aos cinco anos, ingressou numa Escola pertencente à rede municipal de Camaragibe, Região Metropolitana do Recife. A Escola onde Lucas é matriculado tem tudo: prédio bem construído, salas de aula impecáveis, mobiliário, biblioteca, computadores, merenda, fardamento e livros distribuídos gratuitamente aos alunos.

Com todos esses requisitos favoráveis (pasmem!), Lucas vai completar nove anos de idade e ainda não está alfabetizado, embora nunca tenha faltado às aulas, exceto em curtos períodos de dói-dóis que normalmente afetam toda criança nos primeiros anos de vida Escolar.

Onde está o erro? Antes de identificá-lo, importa definir o que é, ou melhor, o que não é uma Escola. Pelo que já foi descrito, percebe-se facilmente que a essência de uma Escola não é prédio, nem instalações físicas, nem fardamento, nem livros, nem tampouco merenda. Todo esse conjunto de bens é importante. Entretanto, fossem eles requisitos essenciais aos bons resultados de uma Escola, Lucas estaria alfabetizado, e não está. Importa ressaltar ainda que o aluno ingressou na Educação Infantil na faixa etária correta e mantém rigorosa assiduidade.

Não sendo especialista em Educação, sinto-me sem condições de definir o que é uma Escola. Entretanto, ousou dar um conceito simplório, valendo-me de três elementos que conspiram em meu favor: tirocínio, memória de minha vida Escolar e experiência adquirida ao acompanhar os estudos de meus filhos. Então, para mim, Escola é espaço de aprendizagem ou ambiente para aquisição de conhecimentos. Dentro dessa ótica, quaisquer que sejam as instalações físicas, se a criança aprende a buscar o conhecimento, aprende a fazer, a ser e a conviver, aí está uma Escola.

Voltando a Camaragibe, insisto em perguntar o que anda errado naquela Escola que dispõe de boas instalações e equipamentos? O leitor já tem a resposta na ponta da língua: **faltam professores competentes. Essa é a verdade nua e crua.**

Em todos os meus artigos, venho defendendo ardorosamente o professor. Contudo nem sempre é boa contribuição ficar o tempo todo colocando o professor na condição de coitadinho, a quem tudo falta, inclusive, boa remuneração.

Com certeza, os alunos de Escolas públicas como a de Lucas não progridem porque a maioria dos professores não estuda, não pesquisa, não lê, não prepara suas aulas e não demonstra compromisso algum com os estudantes. Menos ainda com a comunidade onde a Escola está inserida. Apenas, dão aulas e aulas; quando dão, porque, no caso da Escola tomada como referência, não há preocupação com o cumprimento dos 200 dias letivos que a Lei exige.

Além dos feriados que são tantos neste Brasil brincalhão, às sextas-feiras, raramente têm aulas na Escola de Lucas, e quando tem, as atividades Escolares encerram-se às 9 horas. O que fazem os professores e professoras nesse dia, os pais dizem não saber. Reuniões?... Paradas para estudos?... Tudo isso é importante para amarração do processo de ensino-aprendizagem, mas nenhuma dessas atividades pedagógicas adianta se acontecer em detrimento da carga horária, já bastante comprometida com tantos feriados.

Claro que os erros não repousam apenas na falta de compromisso e despreparo dos professores. Com certeza, outros fatores correlatos afetam os resultados Escolares daquela unidade educativa municipal.

Quem é a diretora? Dizem os pais que é uma jovem senhora educada e atenciosa com todos. Basta isso? Não! Se bastasse, Lucas estaria alfabetizado, e não está.

Em minha opinião de leigo, diretor ou diretora de Escola tem que ter formação pedagógica sólida e dedicação em tempo integral. Não adianta colocar na direção de uma Escola pública pessoa de boa família que assume a função sem nada entender de Educação, somente para preencher cargos distribuídos por apadrinhamento político, providência garantidora de bons dividendos eleitorais. Não quero dizer que este seja o caso da Escola em comento. Mas tudo indica que o atraso de Lucas deve-se também a algo dessa natureza.

É importante comandar professores e funcionários usando diálogo, mas não se pode dispensar mão firme. Do contrário, acomodação, mesmice e preguiça juntam-se num faz de conta, cujo resultado é ausência total de aprendizagem. Neste caso, não há Escola, e sim, depósito de crianças. Irrequietas e mal comportadas, é claro.

A direção tem que saber implantar projeto pedagógico, identificar onde estão as falhas do processo e ter condição de saná-las de forma adequada e célere.

Uma coisa é certa: professor que não aprende, porque nem estuda, nem observa o desenvolvimento de seus alunos, também não ensina. Apenas engana. Verdade é que o Brasil precisa com urgência mudar essa postura maquiadora existente na área de Educação.

Há um dito popular que se aplica muito bem à Escola de Camaragibe: **Gaiola bonita não cria passarinho**. Isso significa que passarinhos precisam ser alimentados adequadamente. Alimento de aluno é aprendizagem. Sem esse bem maior, a Escola se transforma em gaiola bonita, porém, sem utilidade alguma.

No ensino privado, se uma alfabetizadora não alfabetizar seus alunos é demitida. Em Camaragibe, não! Só o ano passado, Lucas teve um professor e duas professoras. E nenhum resultado.

É impossível tirar a Escola pública da ineficiência em que jaz, se não houver valorização do professor a partir de critérios fundados em mérito, remuneração adequada e cobrança, muita cobrança, mesmo. Em outras palavras, a Escola pública carece de gestão profissionalizada. Isso sim!

O governador Eduardo Campos está fazendo esforço bastante meritório para elevar o padrão de eficiência das Escolas de Pernambuco, mas é preciso que esse nível de consciência administrativa contamine também os senhores prefeitos. Eles têm responsabilidades com a Educação exatamente nas séries iniciais que são as mais importantes, pois é nelas que o aluno consolida sua aprendizagem básica. Sem bases sólidas, como será o restante de sua vida Escolar?

A poucos quilômetros da Escola a que me refiro, dias atrás, o Governo do Estado lançou a pedra fundamental de uma Escola técnica que, tudo indica, será altamente aparelhada. Bem que Lucas e seus coleguinhas poderiam estudar naquela Escola técnica!... Mas cadê a base de que necessitam para mais na frente desfrutarem do valioso conjunto de bens educativos que ali será instalado para a formação técnica de estudantes carentes?

Como a Escola de Lucas, há centenas de outras espalhadas por esse Nordeste com vastidão de reino e ensino ainda em padrões medievais.

Entendo que precisamos usar o poder da escrita para provocar mudanças sociais, especialmente na área da Educação, sem a qual qualquer avanço será sempre aparente e ilusório.

*Advogado. Escreve aos domingos.